

RESENHAS

Barbosa, G. (2022). *The Best of Hard Times: Palestinian Refugee Masculinities in Lebanon*. Syracuse, New York: Syracuse University Press. 360 pp.

RAFAEL GUSTAVO DE OLIVEIRA

Universidade de São Paulo (USP), Departamento de Letras Orientais, São Paulo/SP, Brasil
<https://orcid.org/0000-0003-1801-7030>
rafaelgus@usp.br

Fluxos migratórios e deslocamentos forçados, causados por desastres naturais ou conflitos diversos, têm tomado notório destaque nos noticiários e debates contemporâneos. Recentemente, um importante evento tomou os holofotes midiáticos em todo o mundo no mesmo período em que Gustavo Barbosa lançou seu livro, a saber, as investidas russas em território ucraniano, no início do ano de 2022. Em função da chamada “guerra na Ucrânia”, o fluxo de sujeitos forçosamente deslocados tornou-se bastante notável. Embora as notícias referentes aos migrantes e refugiados ucranianos tenham tomado lugar central nas divulgações midiáticas em geral, contextos mais amplos de deslocamento forçado – por parte, agora, da parcela de uma comunidade europeia – tornaram-se componentes importantes de debates sobre o assunto. Neste sentido, figurou a comparação entre o tratamento recebido pelos refugiados europeus *versus* o tratamento e acolhimento recebido por comunidades em refúgio advindas de outras conjunturas e nacionalidades – em geral, não europeias.

Dentre as menções diversas a outros contextos, no seio dos debates sobre deslocamento forçado, destacaram-se aquelas com referência aos grupos palestinos na diáspora ou à situação na própria Palestina. Estas menções traçaram referências tanto entre a ocupação militar israelense e as incursões do exército russo na Ucrânia, como entre as políticas de acolhimento dos refugiados ucranianos e a já longa situação do refúgio palestino ao redor do globo e, em especial, no Oriente Próximo. Mostrando-se contrapostas, estas comparações assumiram uma postura crítica, apontando a diferença entre o tratamento dado aos refugiados palestinos e aquele dado aos deslocados europeus.

Minha escolha por começar esta resenha com esta breve exposição não foi arbitrária. Este é o contexto contemporâneo, de debate acadêmico e midiático, no qual se insere o livro *Best of Hard Times: Palestinian Refugee Masculinities in Lebanon*, do antropólogo brasileiro Gustavo Barbosa. Neste sentido, lançar luz sobre grupos de refugiados advindos das periferias globais se torna, sem dúvidas, absolutamente necessário. Escrito a partir de sua tese de doutorado, defendida em 2014 na London School of Economics and Political Science, Inglaterra, o trabalho é resultado de dois anos de

estadia nos campos de refugiados palestinos no Líbano e, nesta publicação em especial, no campo de refugiados de Shatila.

Partindo de um notável amparo etnográfico, o autor apresenta, de forma envolvente, sua própria relação com aqueles que são as figuras centrais em suas reflexões, os homens e a im/possibilidade de expressão de suas masculinidades. A leitura de seu livro me trouxe à lembrança, de forma bastante vívida, os *shababs* (jovens homens – como referidos em língua árabe) que conheci durante o meu trabalho de campo, na Palestina, por iguais dois anos, e onde me encontro no momento em que escrevo estas linhas. Afirmo isto por perceber que o cuidado do autor com a apresentação destes interlocutores faz com que a compreensão das dinâmicas locais se mostre bastante clara, mesmo para o leitor não familiarizado com o contexto árabe médio-oriental. Dito de outra forma, os *shababs* são apresentados por Gustavo Barbosa aproximando-os do leitor, afinal, é a eles e à sua masculinidade que o trabalho diz respeito. Em seu livro, o autor busca examinar como, através das dinâmicas locais entre diferentes gerações, demandas e contextos, os jovens refugiados, entrando em idade adulta, constroem e expressam sua masculinidade – refletindo sobre como a atuação enquanto “provedores” se tornou impossibilitada. Para tanto, Barbosa contrapõe as gerações mais novas, os *shabab*, com as mais velhas, os *fidá'iyin* (palestinos que compuseram a luta armada contra a ocupação colonial israelense nos 1970).

No decorrer dos capítulos, Barbosa trata de questões diversas, como as dificuldades na expressão da sexualidade e masculinidade dos *shabab* em função da precariedade do mercado de trabalho e ausência do movimento de resistência militar. Também, aborda questões relacionadas à busca pela estabilidade econômica, componente, a priori, de expressões de masculinidade. O autor comenta, por exemplo, que um de seus interlocutores pediu-lhe um valor em dinheiro, alegando que o usaria para investir em seus estudos. Contudo, ao visitá-lo, deu-se conta de que este construía uma casa com vistas em seu futuro casamento. Ao indagá-lo sobre não ter meios financeiros para pagar seus estudos mas, ao mesmo tempo, construir uma casa, este responde que não havia tempo para primeiro estudar e, só então, buscar emprego e constituir família, sucessivamente. Para ele, é necessário “fazer tudo de uma só vez”.

As relações afetivas dos homens palestinos são, também, ponto central nas observações de Barbosa. Bastante comum também na Palestina, como observei em meu próprio campo, as chegadas e partidas de pessoas estrangeiras e o estabelecimento de relações, comumente efêmeras, entre estas e residentes, é parte notória das dinâmicas locais. Assim, a partir do relato da relação afetiva de um de seus interlocutores com uma mulher estrangeira, Gustavo pontua que as expressões de masculinidade dos *fidá'iyin*, mesmo sendo distintas daquelas expressas pelos *shabab*, não pressupõem uma “crise de masculinidade” para os segundos – ainda que as masculinidades locais possam estar relacionadas com um heroísmo palestino referente a um tempo passado. O autor argumenta, a partir disto, que as lutas e demandas contemporâneas e, por conseguinte, relações afetivas e expressões de masculinidade, são distintas daquelas referentes aos anos 1980.

Fazendo uma alusão direta ao capítulo final de “*A Interpretação das culturas*”, de Clifford Geertz, o autor discorre, no quinto capítulo, sobre a criação de pombos em Shatila, atividade praticada por homens, demonstrando como a relação dos *shabab* com as aves e com outros criadores não se restringe

à mera atividade da columbicultura. Assim, traçando paralelos com as brigas de galo balinesas, percebe-se que a criação de pombos é parte constitutiva da expressão de seus papéis sexuais. Além disso, pode-se relacionar o vôo das aves com a construção de uma representação de liberdade. Neste sentido, quem voa não são apenas os pombos, mas, também, seus criadores, que “voam” com estes.

A vida na diáspora é composta por complexidades das mais plurais. Deste modo, para além da mera descrição generalista do cotidiano dos refugiados, Gustavo Barbosa traz pontos interessantes e importantes sobre as im/possibilidades de expressão de masculinidade entre os *shabab* de Shatila. Além disso, debates sobre refúgio, deslocamentos, migração e migração forçada são de notável importância, tendo grande evidência nos dias atuais.

As políticas europeias de acolhimento das populações deslocadas, advindas de outros continentes, têm se mostrado distintas vis-a-vis os tratamentos dados aos deslocados da própria Europa. Com isso, as dinâmicas e demandas locais, para diferentes grupos em diáspora, são distintas. Também, neste sentido, a representação imagética de pobreza e sofrimento relacionada aos campos de refugiados – em especial do Oriente Médio e do continente africano – com frequência subtrai dos sujeitos sua agência, fazendo destes lugares e das pessoas que os compõem meros objetos passivos, dependentes das esferas públicas e sem atuação política.

Entretanto, como diversos trabalhos sobre o tema têm mostrado, os sujeitos refugiados constroem e exercem agência, mostrando-se atores ativos em esferas diversas, contrariando a presunção da impossibilidade de atuação política, por exemplo, ou mesmo do exercício da sexualidade e, neste livro, de masculinidades. Estes refugiados mostram-se componentes da construção e manutenção de redes de sociabilidade, de expressões identitárias, de sexualidade e gênero, de economias diversas, de distinções hierárquicas, entre outros. É neste debate, que visa trazer os sujeitos refugiados como agentes constitutivos de suas dinâmicas cotidianas, que o livro de Gustavo Barbosa se insere. É, também, neste sentido que seu livro ganha importância e mérito, uma vez que, frente aos complexos e delicados meandros da situação de refúgio, traz ao leitor experiências cotidianas não apenas relacionadas com expressões de masculinidade, mas também relacionadas ao refúgio e suas consequências, em especial a partir do Sul global.

A notável relevância do trabalho de Gustavo Barbosa reside, assim, no seio desta discussão. Trazendo à luz as complexidades da vida na diáspora, a leitura deste livro é fundamental não apenas para interessados na Palestina ou nos refugiados palestinos mas, também, para qualquer pessoa que busque se aprofundar nos debates sobre refúgio e gênero, especialmente a partir de comunidades diaspóricas não europeias.

Rafael Gustavo de Oliveira é Doutor em Antropologia pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Pesquisador pós-doc vinculado ao Departamento de Letras Orientais da Universidade de São Paulo (USP).

RECEBIDO: 10/04/2022

ACEITO: 21/11/2022

PUBLICADO: XX/12/2022



Este é um material publicado em acesso
aberto sob a licença *Creative Commons*
BY-NC